

**RESENHA DO LIVRO “O MEDO AO
PEQUENO NÚMERO: ENSAIO SOBRE
A GEOGRAFIA DA RAIVA”, DE ARJUN
APPADURAI**

*ABSTRACT OF THE BOOK “FEAR OF SMALL
NUMBERS: AN ESSAY ON THE GEOGRAPHY
OF ANGER”, WRITTEN BY ARJUN
APPADURAI*

Robson de Araújo Filho 1

Coordenador e professor do Curso Superior de Bacharelado em **1**
Arquitetura e Urbanismo, professor dos cursos integrados de Técnico em
Edificações no campus Jardim do Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS). Cursa Mestrado em Fronteiras e
Direitos Humanos (UFGD) e Especialização em Docência para a Educação
Profissional, Científica e Tecnológica (IFMS). Participa da equipe gestora da
TecnolF, Incubadora de Empresas do IFMS. Especialista em Construção Civil
pela Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (2013).
Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas
Gerais (2011). E-mail: arqrobsonfilho@gmail.com

O medo ao pequeno número: Ensaio sobre a geografia da raiva é o sexto livro do antropólogo Arjun Appadurai, entre autorias e (co)edições, lançado originalmente em 2006 pela Duke University Press, dos EUA. No Brasil, foi publicado em 2009 pela editora Iluminuras.

Appadurai nasceu em Mumbai, Índia, em 1949. No fim dos anos 1960, mudou-se para os Estados Unidos, onde se graduou (Brandeis University, 1967) e cursou mestrado e doutorado (University of Chicago, 1973 e 1976, respectivamente). Atualmente, é considerado autoridade mundial em globalização.

O autor situa a obra como a segunda parte de um projeto iniciado em 1989 com livro *Dimensões Culturais da Globalização: a modernidade sem peias*, tido por seus críticos (segundo o próprio Appadurai) como excessivamente otimista. Desta vez, “aborda diretamente os aspectos mais negros da globalização” (p. 14), principalmente a violência em larga escala por motivos étnico-culturais e o terrorismo, ambos os temas tocando diretamente a questão muçulmana. Contudo, o antropólogo não deixa de ser esperançoso ao dedicar o fechamento do livro ao que chama de globalização de raiz, no sentido de que vem de baixo para cima, a partir do ativismo e organizações não governamentais.

O medo ao pequeno número se divide em Prefácio e seis capítulos: 1- Do etnocídio ao ideocídio; 2- A civilização dos choques; 3- Globalização e violência; 4- O medo ao pequeno número; 5- Nossos terroristas, nós mesmos; e 6- Globalização de raiz na era do ideocídio. Appadurai afirma que os capítulos 2, 5 e 6 foram escritos no calor das sequelas imediatas do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 nos EUA.

Em *Do etnocídio ao ideocídio*, debruça-se sobre a violência em larga escala por motivos culturais, dividida em dois tipos: aquela que provém do nacionalismo exacerbado em tempos de globalização e a derivada da guerra ao terror, tendo o 11 de setembro de 2001 como evento emblemático que coroa os anos 1990 como uma década de superviolência, de guerras incorporadas ao cotidiano. Essa difusão generalizada mostrou que forças majoritárias e violência étnica em grande escala podem acometer qualquer sociedade, não apenas ditaduras.

Appadurai aponta o medo como fundamento para essas investidas, e evoca o período pós-1989 (quando a queda do muro de Berlim sinaliza o fim da Guerra Fria), com seus projetos utópicos, mercado aberto, difusão da democracia, constituições liberais e possibilidades políticas da internet. Aparentemente opostos, os polos são relacionados na pergunta com que o escritor nos brinda:

por que uma década dominada pelo apoio global a mercados abertos, livre fluxo do capital financeiro e ideias liberais de ordem constitucional, boas práticas de governo e expansão dos direitos humanos, veio a produzir uma pletera de exemplos de limpeza étnica, de um lado, e, de outro, formas extremas de violência política contra populações civis (definição adequada do terrorismo como tática)? (p. 14)

A partir daí, o antropólogo interligará algumas ideias. A primeira delas é de que os estados-nação modernos estão fundados sobre um *ethnos* nacional, um *genius* étnico, em que se assenta sua soberania. Esse *ethnos* é único e não admite a diversidade. Tampouco é um fato natural e, na realidade, requer guerra, sacrifício, uniformização e subordinação das tradições locais. Baseia seu argumento valendo-se de Hannah Arendt e, aludindo a Mary Douglas, propõe que a passagem do *genius* nacional à cosmologia de nação sagrada e, daí, à limpeza étnica é relativamente direta. Appadurai produz uma valiosa analogia: as nações podem requerer uma integral transfusão de sangue, geralmente exigindo que uma parte do seu sangue seja retirada, ou seja, a manutenção do *ethnos* pode exigir um sacrifício descomunal, que afeta a todos para produzir a limpeza, a eliminação de uma parte “impura”.

A segunda ideia é numérica, censitária, e diz respeito à previsibilidade: a incerteza. Quantos somos nós? Quem e quantos *eles* são? A globalização acentua incertezas e a sede de purificação. A violência é também necessária para a produção das identidades supostamente fixas e construção de comunidades.

Finalmente, temos a ideia da ansiedade da incompletude. A pequena brecha entre maioria e totalidade, isto é, a pureza étnica, faz com que essa maioria se torne etnocida contra minorias.

A globalização faz estes dois últimos conceitos interagirem, produzindo frustração frente à óbvia impossibilidade de ser ver completamente livre dos “impuros”.

A violência que daí deriva é acompanhada por excesso de raiva e ódio, originada no narcisismo das diferenças menores (em referência a Sigmund Freud), algo atualmente muito mais perigoso do que fora antes. Em função da maleabilidade dos censos e da possibilidade de majorias e minorias inverter suas posições, surge o desejo de eliminar a diferença em si mesma, levando-nos aos narcisismos predatórios. A quase impossibilidade de alcançar a eliminação da diferença produz frustração, traduzida em mais violência.

No segundo capítulo, *A civilização dos choques*, Appadurai nos apresenta um mundo muito diferente do que imaginamos como fixo e estável, com seus antigos chavões: as decisões de grande escala, como travar guerras, como monopólio do estado; a ordem social, ou a mera ausência de guerra, como condição padrão do cotidiano; a desordem social dentro das sociedades e a guerra entre sociedades como fatos essencialmente distintos. Os ataques de 11/9/2001 estilhaçam essas suposições, levando ao ápice o que vinha se desenvolvendo gradualmente. Os estados se apropriaram discursivamente do termo *terrorismo* para se referir a qualquer movimentação antiestado, borrando fronteiras entre guerras *da* nação e guerras *na* nação, isto é, conflitos que se manifestam internamente, e que, por sinal, superam guerras externas há algumas décadas.

Mais do que um ataque ao EUA, o autor argumenta, 11 de setembro é um ataque também à ideia de que só os estados estão em jogo. Ele força para dentro de nossa consciência a presença de organizações alternativas. A guerra travada no Afeganistão tomou um caráter de diagnóstico: quem seria o inimigo e como ele seria: Osama bin Laden, Taliban, Al Qaeda...? Mas o diagnóstico também se estendia aos (supostos) aliados, forçando os países a se posicionarem. Ficar em cima do muro não era uma opção.

Appadurai avança e afirma que estavam em combate dois tipos de sistema de organização: vertebrado, do qual os estados-nação são o exemplo clássico, agora ameaçado; e celular, das entidades terroristas (mas não somente).

O sistema vertebrado é o da articulação, pressupõe ordem internacional e protocolos de ação comum. Demandam um sistema de comunicação e reconhecimento mútuo, de coordenação, que se materializam desde selos postais e bandeiras às embaixadas e consulados mundo afora.

Já o sistema celular funciona em lógica semelhante à das redes. Terroristas, por exemplo, estão em entidades ligadas, mas não gerenciadas em hierarquia. Coordenadas, mas com atuação independente, facilitando sua multiplicação, e nebulosas aos observadores externos.

A globalização deu ao capitalismo aspecto celular, especialmente ao mercado financeiro. O sistema de poder do estado-nação está cada vez mais enfraquecido, e faz cada vez menos sentido falar de economia nacional. Por isso, muitos desses países recorrem a coalizões regionais.

O ethnos, portanto, é o último recurso sobre o qual o estado-nação exerce algum domínio.

A guerra se transforma na nova ordem, segundo o autor, que recorre a Achille Mbembe, o qual “nos convida a imaginar uma paisagem muito mais assustadora, em que a ordem (regularidade, previsibilidade, rotina e a própria vida cotidiana) organiza-se em torno do fato ou da possibilidade da violência” (p. 33). O terrorismo, então, acrescenta o fator de imprevisibilidade, de medo constante.

Em *Globalização e violência* o antropólogo conceitua aquele fenômeno como uma nova revolução industrial, devido ao uso de tecnologias de informação e comunicação, mas ressalta que apenas em pouquíssimos países, e mais, para as elites corporativas neles situadas, *globalização* é um jargão positivo. Para todo o restante, é uma fonte de preocupação.

Appadurai nos propõe não usar a história como ferramenta para analisar a globalização, por julgar que ela não dá conta da complexidade e imprevisibilidade do fenômeno, da novidade que ela representa. Apresenta três fatores que levam a esse raciocínio: o papel do capital financeiro (com seu maior poder e rapidez); revolução da informação eletrônica, sempre à frente dos protocolos de regulação; e, como consequência dos itens anteriores somados, o aumento da desigualdade social mundo afora. É também característico da globalização o crescimento relativo da violência intraestado em comparação à violência entre estados, o que se manifesta em crianças-soldados, migrações forçadas por megaconstruções, violência policial, entre outros distúrbios.

Categorias demográficas recentes, *maioria* e *minorias* são conceitos produzidos em um mundo moderno de estatísticas, censos e controles estatais que remontam ao século XVII. As minorias,

especificamente, são marcas vivas do fracasso do estado, seja em promover a pureza, que evitaria que existissem, seja em prover direitos, relegando-lhes à margem. São, portanto, os perfeitos bodes expiatórios, para onde se deslocam as angústias dos estados de soberania ameaçada em relação à globalização. Ao mesmo tempo em que desejamos nos ver livres das minorias, necessitamos delas, pelo menos para o subemprego a que não nos aceitamos sujeitar. Se não podemos eliminar a globalização, torná-la objeto de etnocídio, podemos nos consolar em fazê-lo com as minorias. Assim sendo, em lugar de supor que as minorias produzem violência, faz mais sentido pensar que a violência é que requer minorias. O corpo minoritário incorpora os medos do global e, em exorcismo, pode ser eliminado.

No capítulo seguinte, *O medo ao pequeno número* (título do livro), Appadurai apresenta o enigma: minorias são número relativamente pequeno, o que não impede que a elas sejam dirigidas medo, raiva e todo tipo de violência. Maioria e minoria são conceitos recentes e interdependentes, que evocam a questão nós/eles, mas requerem que sigamos além. Para isso, o autor resgata seu conceito de identidades *predatórias*, definidas como aquelas que requerem a extinção de outras categorias sociais, geralmente com longa história de contato, mistura e estereótipos. As identidades predatórias quase sempre são majoritárias, representam uma maioria que se diz ameaçada e age para fechar a brecha que impede o alcance da nação de pureza total, fruto de uma singularidade étnica. O majoritarismo carrega a semente do genocídio.

O pensamento liberal se baseia principalmente em dois números: *um* (o indivíduo) e *zero* (à direita, como indicador de grandeza, multiplicador). Grandes números são vistos como aglutinação de diversos indivíduos ou, em determinados contextos, como base do fascismo. Pequenos números são um ruído, perturbadores, associados a elites ou traidores. Contudo, às vezes as minorias despertam simpatia: seu pequeno número as aproxima do *um*, do indivíduo. O terrorista-suicida, no entanto, subverte essa lógica de maneira sombria, ao transformar em algoz o número *um*. É a forma mais pura e abstrata de terrorista, que leva a incerteza ao extremo, pois se disfarça de cidadão comum até o momento do ataque.

O penúltimo capítulo, *Nossos terroristas, nós mesmos*, parte da análise de eventos no sul da Ásia a partir dos ecos pós-11 de setembro. Centra-se na análise da incerteza social, com dois aspectos inter-relacionados. O primeiro diz respeito aos agentes dessa violência, sua identidade, quantidade e objetivos. O outro é retomado de texto anterior do próprio Appadurai, que sugere que a violência se encaixa em um contexto de resposta à incerteza quanto às identidades grupais. O majoritarismo leva a crer que a mera existência de outro grupo ameaça sua sobrevivência. Para responder à incerteza, usa-se a violência como vivissecção, a fim de determinar a realidade por trás da máscara. A hipótese de traição sempre se confirma, uma vez desumanizado o corpo morto.

O terrorismo também opera pelos instrumentos da incerteza, principalmente o medo do próximo ataque. Os limites são borrados, inicialmente entre os espaços militar e civil, mas ampliando-se a um estado de guerra sem limite temporal-espacial, divorciado da ideia de nação, em que o terrorista é, a um só tempo, soldado e espião.

Os eventos do sul da Ásia são significativos, segundo o autor, por repercutirem diretamente o 11/9. O Paquistão se liga ao universo que também compreende Afeganistão e Iraque, alvos americanos após o atentado. Quanto à Índia, os dois países estão há pelo menos setenta anos em conflito permanente pela Cachemira. A direita indiana se aproveitou da conjuntura para o recrudescimento da islamofobia, travestida de preocupação com a segurança.

Mumbai, cidade de Appadurai, tem grande população muçulmana e registrou, segundo ele, de maneira particular a ansiedade em relação ao Paquistão. Favelas habitadas por esse grupo foram vasculhadas; proprietários deveriam informar às autoridades detalhes de seus inquilinos. O mapa mental do conflito se sobrepôs aos poucos à geografia do comércio e transporte. Portanto, nota-se como nas diversas escalas (nação, região, cidade) se reproduzem e se traduzem versões de conflitos maiores, todas elas perpassadas pelas figuras do traidor, terrorista, inimigo oculto (os inimigos de dentro) e da nação pura, que antes, em tese, só teria de se preocupar com os inimigos de fora. Finalmente, nossos terroristas nos tornam conscientes de nosso mal estar com nós mesmos.

No capítulo final, o autor opõe já no título o que parece considerar os pontos alto e baixo da globalização (respectivamente): *Globalização de raiz na era do ideocídio*. Ideocídio, para Appadurai, é “um fenômeno novo e grave, em que povos, países e modos de vida inteiros são considerados

perniciosos e estranhos à esfera da humanidade”, semente do genocídio e etnocídio. Contudo, os últimos termos se referem a minorias internas, ao passo que o ideocídio ou civicídio abarcam ideologias, regiões e modos de vida inteiros. A globalização insere aí uma lógica dupla, pois traz inimigos distantes para perto e, simultaneamente, globaliza o local.

Após discutir o ideocídio e antes de passar à globalização de raiz, Appadurai debate o ódio aos EUA e aos valores por eles propagados, sendo que, em geral, muitos querem disfrutar dos benefícios percebidos por aquela população, um aparente contrassenso. O autor sublinha que esse fenômeno é muito disseminado, nada confinado ao mundo islâmico. A raiz, segundo ele, remonta ao pós-guerra, quando qualquer americano parecia ser embaixador cultural de seu país e portador de privilégios diversos, aos quais os americanos não dariam acesso ao restante do mundo. Dada a força da indústria cultural americana, cada cidadão comum personifica seu Estado. Observa-se a acidez do discurso antiamericano em segmentos populares, intelectuais ou elitizados. Appadurai conjectura o papel da globalização: a preponderância americana repercute nos padrões técnicos e sociais mundo afora, em contraste com um sucateamento institucional disseminado em outros lugares. Neste momento, o autor aparenta estar realizando uma espécie de desabafo e, ao mesmo tempo, defendendo sua opção de viver naquele país. Segundo ele, “o ódio aos Estados Unidos está intimamente vinculado ao desejo de ser parte deles”, mas “o que os estrangeiros procuram é a sociedade americana, não o regime político e social americano” (p. 93), são as oportunidades. Isso explica ser possível criticar o regime daquele país e desejar viver lá ao mesmo tempo.

O tema da globalização de raiz, que encerra o livro, é visto por Appadurai como forma de apropriação positiva da organização celular, representando uma face utópica, uma terceira via alternativa a estado e mercado através de movimentos progressistas. Elas variam de porte, podendo ser grandes como o Greenpeace, e de foco. O autor cita organizações que atuam nas áreas empobrecidas da África e Ásia, principalmente relacionadas a questões urbanas.

Referências

APPADURAI, A. **O medo ao pequeno número**: Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2009.

Recebido em 10 de setembro de 2018.

Aceito em 22 de fevereiro de 2019.